

## UMA RUA CHAMADA RUI

Raul Franco

A frase da despedida ruia.  
Caía o lençol do adeus.  
Ninguém mais via  
a barba do poeta-semideus.

(O violão soou em dor maior!).

Seus remos foram abandonados  
na esquina do inevitável.  
Mas sua ausência continua construindo  
o poema infundável.

A boêmia soluçava, gemia.  
O poeta surmia num caminho vazio -  
vadio momento de se deixar uma saudade.

A poesia era sua, era do peito da lua,  
era da rua do amanhecer.

A poesia sua, sua, até intumescer.  
A poesia soa...  
e só assim dissolve a dor  
numa garoa.

Um rio, um Rui, um rastro.  
O mastro da saudade  
estende a bandeira da homenagem.  
Sua bagagem de ilusões  
traduziu mil paixões pro papel.  
E o tempo suspende o troféu  
da lembrança.

Então que a chuva caia  
na maresia calma do poeta.  
Que a chuva caia, roçando a testa lírica.  
Que a chuva caia, mas não traia seu verso.  
Com todos os anos que se passam  
nunca o Rui ficará submerso.

Aluno da turma 3 CSV1 e monitor  
do Curso de Ciências Sociais da UNAMA

## BOIÚNA

Beto Paixão

Luz,  
Quero luz  
Josefina mandou  
Devo ir à Baía  
De todos os Santos  
Baía do Guajará

Baía do poc poc  
Baía do pescador  
Baía dos ratos d'água  
Baía Governador  
Baía ilha das onças  
Baía do remador  
Baía tem cotijuba  
Que Ruy Barata mirou  
Hei! Boiúna  
Hei! Hei! Hei!  
Boiúna

Homenagem ao poeta  
Ruy Barata que desbravou rio,  
e dele fez rua.

Sociólogo, pesquisador e compositor.

# Nativo de Câncer

Roy Guilherme Barata

## I

### I

Noite norte-noite nauta-noite  
alimária alimento veigas várzeas  
é carne crina-corda cresta-castra  
onde velo indormiu trono e vassalo  
à sombra do perau grelavam espadas  
dardos e delfos dolos duros dados  
e da túnica floral ao verde pasto  
gemiam rui e rei entremeiagens  
semelhos setestrelas seistavados  
de quelônios quebrantos e queimadas  
de currais e busões sementes-sardas  
valcimentos de Apolo prendas partos  
onde Melus se esvai em Melu e Mario  
reisnuncios reisponcios reisplantados  
em Lesbos que do rei tece o enjeitado  
desmandando perdões traumando gastos  
retas e rotas rethos penhas pasto.

### II

Veloz êvai a Oz, dismundiado,  
sede sunga meu boi, Sardanapalo,  
aquém arrasta além, ó gapuiagens,  
diademas, diodolfos, dioscuragens,  
malamancio, manfredo, malamada.

Istium é este, é mais alguns,  
raiz de noite é resma de alvorada,  
caledonias, calpurnias, calderaros  
carcinomas de foices e terçados.

O rio é cio, é fio sanforizado,  
água sumida é água repensada,  
água sorvida é logo transpirada,  
água parida é água mais anágua.

Desses rastros dormindo nasce um campo,  
na repona dos ventos e mugidos,  
cavianas de comos bubuiando,  
barcarenas de ser, ou for em sina.

Há sempre o que sortir nesses doendo  
de lonjura cilendo e sipurgando,  
amor é meses-mares ciregendo,  
amor é sipartindo e cichegando.

Amor é amar, em dois, predicativo,  
amor é sisofrendo e cisofrido,  
amor é simorrendo e cimatoando,  
amor é dez em dois de simorrido.

E tudo amor, amor de erre aspado,  
amor em sol-solvido e sol-soldado,  
amor de eme urdido e eme atado,  
amor de mór amor, de amor talhado.

Arabela, mais bela e mais valia,  
Mariana, pentelho e canarana,  
épicaule, epicédio, epifania,  
episódio, da cor à luz do espanto,  
que faz a meretriz, semeia o canto,  
a solidão do pêlo e do quebranto,  
a dor do se doeu no mais doia,  
ou largueza de céu que não coubesse,  
na conjunção das massas, missas, messes,  
das folhas que no falus floresciaam.

### III

E câncer nauta o homem, sua linhagem,  
de nódoas e borrões, vertentes claras,  
prantivas mãos em labores escravos,  
tatuagens de sono, terra e classe.

E dorme, danos, dons, funestos fados,  
pou inventa garças, candelabros e prumos  
várzeas,  
várzeas,

onde goivam charruas e legumes maduram  
e pomos se antecipam em resinas e cuspos,  
enquanto é noite, nau, ermos desabam,  
e patas pisam penas, pedras, putas,  
são léguas devoradas pelo agouro.

Outras vezes, em dor, percorre o armário,  
das portas a pender purga o inventário,  
papagaios e primos, fundas arcas,  
pemaltas e grotões, proas, proagens.

São prélios a vencer, o punho se desgarrar,  
em comos a pungir e plumagens bizarras,  
e tudo o mais que some guarde ou grave,  
em cardumes, em frutos, em manadas.

Um reino, vês, um reino, rude, raro,  
ou mais que reino, rui, negro inventário,  
solfejos e moirões a escravizar.

#### IV

Onde a semente cai, desfecha o alado,  
e sendo agosto dispõe da rar maestria,  
domestica o alazão, castra o melado  
propicia nos pêlos tonsurados  
o comércio do fel  
e em fel se basta.

E logo surge o Cão na conjura da Casa,  
Casa de Laio.  
Casa dos Morgados.  
Casa, casa.

Desses passos, ao sul, ó noites amestradas,  
quando Gêmeos contende Sagitarius,  
mil destinos se vê.

Aqui semanas-sendas, risos-maio,  
além ditongos, dunas dinossauros,  
manuscritos de Kid,  
rosa-rosae.

E abrem-se em viandas, ó Midas destronado,  
das mais acres às mais extraordinárias,  
os labores do sexo exigem um vigor desvelado,  
são linhagens a vir.  
são elfos,  
são centauros.

E nascem, porque nascer faz parte da emboscada,  
conjugando discórdia, urdindo os campos, onde  
passa o tropel das cavalhadas  
e carretas pedindo saltimbancos.

E vês, este velo se enreda nos teares do espanto.

#### V

Cegam vozes na sombra, única hierarquia  
e cobiça que o degredo proclama.

Mas,  
o que marfim perdeu-se em Babilônia,  
artífice da escória nos reclama.

E desdobra-se o parco, porco e neutro,  
ou simples rosa humilima no peito,  
do que no catre sonha, escravo e rei.

Que te dei de meu, senão palavras,  
que te fiz amar, senão o impuro,  
a sordidez, o catre impenitente,  
onde tantos demônios confabulam?

O beijo que te trazia  
perdeu-se em meio da noite,  
dissolveu-se na elegia,  
adeus, para nunca mais.

Toda uma vida perdida  
e os sonhos que mais amei,  
deitado à sombra da Esfinge,  
fuzilado me acordei.

Outros argumentos vingassem  
e não o escárneo ao sinete agregado,  
funâmbulo mapa de generalidades  
órficas  
e anti-órficas  
calverissimo fio de guilhotina,  
e talvez pudesse libar,  
e talvez pudesse libar,  
em turva taça onde o auriga se banha.

Mas,  
o que reconstituir do cão sardento,  
deslebrado pela carícia,  
negros olhos, dementes,  
onde os corvos pastavam?

Propiciarás um novo encontro?  
Ousarás uma nova recapitulação?  
Tentarás? Tentarei?

#### VI

Não consintas, ó deusa, não consintas,  
que meu braço traído, não vingado,  
na retina me seja mais pesado.  
Ah, quantas vezes, do tálamo plantado,  
em assomos de vã maturidade,  
não sentiste ruir o véu tartufo  
de quem não soube ver o sol de tanta farsa.

Quantas vezes não vistes, ó sagitária,  
ó matrona do asco, ó proçelária,  
este nome de outrora, meu, sem nome,  
exposto, triunfante, tudo ou nada?

Ah, talvez um berro salvasse esta tarde!  
Ou, quem sabe, o tudo que vendeste  
ao sórdido, ao fecal, ao saginado!

#### VII

Mas já que noite perde e noite encontra  
an old man in a dry month,  
lenhando em lenho duro o duro ofício,  
sem armas ou barões assinalados,  
a pata pregarei no cão remisso.

Logo cose-se o fel e flui a vida  
(sementeiras de sarça fustigada  
na clareira do olho anotecido).  
Aqui, neste mudo lugar de desenganos  
funesta pauta, preña, desumana,  
a mandíbula atroz.

E o que sobra cristal engendra o beijo,  
mas bruma, sempre bruma, rói o pêlo  
e o vazio frustra à mão o gesto amigo.

E, em cada esforço, uma aridez maior,  
no reunir, no partir, no cozcicar,  
da cauda o hierático e, da sarna,  
os lucros extraordinários do Sermão da  
Montanha.

### VIII

Ó Lazare, mon chér, racontez-moi  
quelque chose qui m'amuse.  
Et puis, puis il est mort.  
Mort, avez-vous compris Mort.  
Por mea culpa, mea culpa,  
mea máxima culpa.

Para isso vives. Refertamente.  
Para ungir e amortilhar,  
para rir e fracassar,  
para suar, blasfemar e maldizer,  
atrelado às úlceras do medo  
e aos arados da poesia.

In principio erat Verbo, disse ele,  
e sobre fezes as abelhas zumbiam.

Nume, te fazia só, amor vertente.  
Criança, não podias crescer  
por que turbado,  
entre gumes, estigmas, palavras,  
enquanto os elementos amadureciam,  
ou conspiravam  
nas entrâncias do pão, do beijo, da eternidade.

Anunciavam a colheita do raro.  
- Cláveles para el señor!  
- Gardénias para la señorita.  
As quartas rezava-se o terço.  
(por las Dolores del mundo)  
enquanto Tetis e Maria de Alvarez dialogavam.

### IX

Tessitura de arcano, equipagem noturna,  
alva rede balança. Juramento nem lei  
a ligam à pátria. Cordas e fronteiras  
não a prendem.  
Noite adentro verás a doida vela.

- Esta é Tisbe,  
onde as pombas adejam ruidosas.
- Esta Eleusis,  
de Ceres e de Mário a mais amada.

E, grudado no negro cabrestame, equinócios  
de visgo, luas, peixes, nas quilhas  
dessa rede itinerante.

Ó Alcino, sogro e rei, às tuas praias  
de perenes lembranças retornei,  
pois, se das águas salvo fui um dia,  
das voragens do amor não me salvei,  
e nesta nau que vez, nutriz de sonhos,  
a Óbidos, em ares consagrada,  
a inupta consorte levarei.



E dois agora somos nesse barco  
mas, se a Circe somarmos, somos três.

What have you done, Odysseus?  
We know what you have done.

## X

O demônio parêlo, cão e gato,  
reino de rei e rui, relvoso cardo,  
duplo e fecundo, lúdico espantinho,  
abre graças de amor, canções de orvalho.

Tramei o duplo incesto, cão e gato,  
vi cidades dormindo neste espelho,  
vi pátios, catedrais, faisões dourados,  
codornas e bisões, ardósia e prata.

E desdigo esta nau onde me pasto,  
elmo e couraça, garras e tridentes,  
sobre colchas azuis, solfa guitarra.

Estrutura de amor, rosna o bastardo,  
ganha um porto de mar, arde o alambrado,  
onde núncio cantei o cão e o gato.

## 2

Noite, norte-noite, nauta-noite,  
no quilombo das pórtas e palmares,  
o vento amanhecia na varanda,  
trazendo um latifúndio de pesares  
suado do suor da maresia,  
sedento da palavra-poesia,  
que pedia por novos calabares.

Entre a casa e o barranco o boi pastava  
um verde carroussel de mangas bravas,  
no verde acontecer das melancias.

Lalica abria a porta e suspirava,  
Alfonso abria a boca e bocejava  
o puta-que-pariu de cada dia.

Um quase nada se fazia tudo,  
como de tudo se fizesse nada,  
e logo vinha o sol redespelhando  
as demoras das doras-demerara,  
onde a flecha silvava e se detinha,  
à sombra dos relatos de Caminha,  
solvida no fluir dos alguidares.

“Hoje falaremos da crucificação”,  
dizia o padre-mestre e repregava  
a mão que anoitecera no martírio

Vinha raiando o coro das mafaldas,  
no lento advinhar do quando-querer  
e o verde chão de murtas e chicórias,  
sem lenços, sem adeuses, sem memória,  
dançava no lundu dos Desidero.

E assim nascia o verbo e suas visagens.  
E assim nascia o cão e seus vagares,  
a morte que a malária prometia,  
o pote onde o caneco mergulhava,  
trazendo as caravelas que partiam.

Adentra esses adondes reprimidos,  
nas despenças das tenças repensadas,  
aliochas e brochas sulcam a terra.

Do mundo Apiacá trouxera o gosto,  
das contas, das viagens, dos fonemas  
e lia no pousar do sol se pondo,  
o farto amanhecer das piracemas.

De onde vem esse metro rejeitado,  
medir a vastidão do muito amado,  
abrir a tua caixa de segredos?

De onde vem esse Deus, subitamente,  
colado ao lombo liso da serpente,  
curtir a exatidão de teus degredos?

De onde chega essa voz sem piedade,  
querendo te cobrar a virgindade  
das ramas, das mutambas, das restingas?

E tu que tens a dar, se não tens nada,  
a não ser essa terra deflorada,  
no falus-ferro dos Paranatingas?

Diva não sabia de que moitas  
as roupagens da noite se tecia.

Aláide tinha olhar de vaca mansa  
e queria ser mãe de quinze filhos.

Dadá se sabia deslembrada,  
do vestido de noiva que tardava,  
do álbum de postais que pretendia.

Américo, meu tio, resfolegava,  
na prancha de madeira que serrava,  
já quase no dobrar do meio-dia.

De longe vinham nomes se chegando,  
trazidos de sotumas cachoeiras:

Pupuia que morava na Prainha,  
Lindoca que partira para Aveiros,  
Paquita se queixando de gordura,  
Tutica se quebrando de magreza,  
Colares que gostava das caçadas,  
Antonio, meu avô, que falecera.

Sentemos em redor da triste mesa,  
coberta de ciprestes e mortalhas,  
sentemos, ai de nós, para o banquete,  
isento das melhores vitualhas,  
e bebamos na cuia da magia,  
o vinho tinto da melancolia,  
a saga dos heróis e dos canalhas.

Por não saber as letras de seu nome,  
as mesmas que de há muito repetia.  
Ana, mais Nicéa que Miranda,  
ficava de castigo na varanda,  
sabendo o que melhor lhe apetecia.

De Boim havia vindo Caetano,  
trazendo a camiseta de riscado,  
a rotunda barriga de opilado,  
e uma fome voraz de muitos anos.

Dindinha, pano solto, velejava  
pelos mares perdidos de Castela.

Aurila se pensava destinada,  
ao negro bandolim que dedilhava,  
calcando nos seus seios de donzela.

Visitemos o burgo, visitemos,  
visitemos o palco do "Vitória",  
visitemos o "Cine-Guanabara",  
a nave da Matriz em sua glória.

Servida para o pênis fatigado  
e cavam no ca-vai dos estertores  
os labores da carne silambendo,  
os pudores do verso sipedindo.

Julgai nome, pronome, o que se come,  
do cá e lá de nós se despedindo,  
armai o calendário das ramadas,  
caçai a lenda-linfã das porradas,  
que saídas de nós voltam sorrindo.

Somai o tempo, a trampa, ao contra-tempo,  
aos marios, aos canários e açucenas,  
tirai desse sudário de novenas  
a cartola, a vitrola, o boticário,  
o ruído que rói, sem ser pedido,  
o gemido que faz aniversário.

Há dores y dolores nessas cores  
chamadas para a ceia dos ditongos,  
alamares e condes se completam,  
no fato-feto-feira dos mondongos,  
parecências, não mais que parecências,  
geradas no clitóris dos Castelos,  
ungidas na buceta dos Colombos.

Aceitemos o risco das buiunas,  
capivaras e botos no tinteiro,  
aceitemos o sangue das bordunas,  
vertido nesse chão de muitas veias,  
aceitemos o pão das piracaias,  
aceitemos o não das Malafaias,  
aceitemos o cacho de pupunhas.

Alarico, meu pai, nas passeatas  
de Camões claros versos repetia.

Minha mãe abria um legue de cigarras  
e um naipe de modinhas no banheiro.

Minha avó trançava bilros e matrizes  
e sempre se queixava das varizes  
e dos sonhos fiéis que alimentava.

Ali brotavam remos e catraias  
onde o rio se deitava e adormecia  
ali chegava a tarde acorrentada  
as dores do doer que mais doía,  
ali nascia o Conde Valadares,  
ali nascia a Virgem dos Pílares,  
ali a mão de Deus também nascia.

Celita se dizia apaixonada  
pelo curto bigode de Carlito.

Mariza se julgava ameaçada  
por um vago desejo suicida.

Armando amava o mundo das canoa  
as quilhas, o romper das velhas proas,  
que vinham da fazenda "Aparecida".

O tempo se fazia de silêncios  
ou de nuvens azuis sempre correndo,  
e onde quer que a brisa caminhasse,  
havia sempre alguém se refazendo,  
alguém ou alguma coisa se apaipando  
alguém ou qualquer noiva se querendo.

Jovita vez em quando se alebrava  
dos primos, dos parentes, dos amigos,  
das folhas, das puçangas, das raízes,  
pendentes de seu manto de agonias.

Visitemos a ceia das Clarices,  
a batina marrom dos Franciscanos,  
visitemos Miguel e sua flauta,  
no canto amanhecido dos Toscanos.

Visitemos o mestre Zégustinho,  
Isoca, mesmo pó de seu destino,  
Ninita, sua clave e seus pianos.

Visitemos a casa dos amigos,  
visitemos o reino dos padrinhos,  
visitemos os quartos do "Castelo",  
as tabernas e lojas de armarinhos,  
o florido quintal de dona Dora,  
o sofrido nascer daquela hora,  
repleta de parentes e vizinhos.

Visitemos a forja dos Ferreira,  
a pesada marreta do Capote.  
a terrível mamona de seu Nhuca,  
a gostosa peixada da Fuluca,  
a sortida farmácia do Mingote.

Tomemos o café do "Ponto Chic",  
mingaus e tarubas do Chico Terto,  
provemos o licor de Bibi Bentes,  
o trago da cachaça do Roberto,  
passemos no balcão do Pequenino,  
ouçamos a mentira do Chiquito,  
remansos das manhãs do "Ponto Certo".

Bettendorf, meu velho, quem diria,  
que viesse grelar nos teus roçados,  
a sombra onipotente dos sobrados,  
o sólido pregão da mais-valia.

Quem diria, meu padre, quem diria,  
que a soma dos teus muitos batizados,  
gerasse a latitude dos mercados,  
criasse o pão-de-ló da burguesia!

Quem diria, meu chapa, quem diria,  
que vingasse no chão de tanta praga,  
a pedra do solar do Joaquim Braga,  
o lustre da mansão do seu Faria!

A casa do Barão se debruçava,  
sobre o negro porão das galeotas,  
por dentro havia um ninho de perguntas,  
por fora, um calendário de respostas,  
a casa do Barão se eternizava,  
a casa do Barão se aprofundava,  
no barro das esteiras e malocas.

Alado pé-de-verso me situa,  
nas rampas e caminhos da Caieira,  
sentemos nossa dor desprotegida,  
nos batentes dos Campos e Figueiras,  
ouçamos o ranger das velhas portas,  
o vento a nos falar das folhas mortas,  
caídas sobre o tronco das mangueiras.

Me situa, meu mano, me situa,  
nas rimas que perdi e agora vejo,  
voltando ao mesmo quarto de despejo  
pisando o mesmo sole a mesma rua.

Entremos pelos canos das palavras,  
naquelas que se amarram na temura,  
palavras são palavras, são palavras,  
e pairam acima de qualquer frescura.

São Itos, são Ninitos, são Bilocas,  
são Nocas, são Bidocas, são Bibitos,  
são Zitos, são Junitos, são Nicotas,  
são Milocas, Finocas, são Xixitos.

São Nicos, são Biticos, são Berocas,  
são Cotas, são Janocas, são Valicos,  
são Dicos, são Mundicos, são Filocas,  
são Mundocas, Silocas, Manelitos.

*Jmy Barata*

# Asas da Palavra

Revista do Curso de Letras

Junho / 1995

Nº 02

 **Unama**  
Universidade da Amazônia